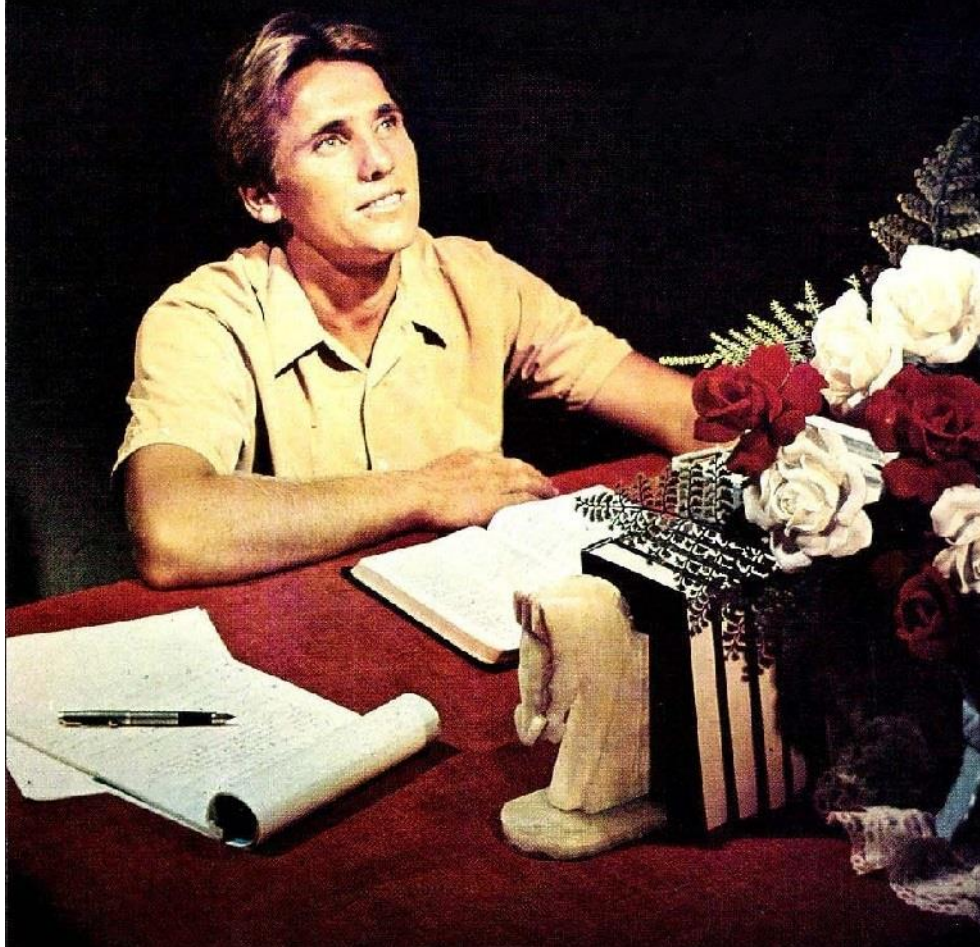


Justificado!

- Pela Fé!



Justificado! - Pela Fé!

por F. T. Wright

A presente publicação é uma tradução do título original em Inglês:
Justified By Faith.

O original foi publicado por SABBATH REST ADVENT CHURCH
Primeira edição – Abril 1975
Segunda edição – Julho 1982

Ilustração da capa:

Nas vidas de Davi, Paulo, Martinho Lutero, John Wesley, e incontáveis outros, chegou aquele abençoado momento em que a verdade da justificação pela fé e a justiça de Cristo se abriram às suas mentes iluminadas. Esse tornou-se o grande momento de novos começos para eles, a entrada numa nova era de serviço produzindo frutos para o seu Mestre amado. Assim este jovem compreendendo a grande verdade, respondeu levantando os seus olhos em direcção ao Céu contemplando com gratidão aquilo que o Senhor havia dado para todos nós.

Índice

Prefácio	5
Capítulo Um	6
A Bênção do Perdão	6
Contradições Aparentes	8
Capítulo Dois.....	17
Ser Feito Justo	17
Capítulo Três	26
Problema Duplo — Dupla Solução.....	26
Assim É Então a Obra da Justificação.....	31
Capítulo Quatro.....	34
As Duas Justificações	34
Como Deve Então Ser Compreendido <i>Romanos 2:13?</i>	37

Prefácio

A justificação é a provisão divina para o problema do pecado. Ela é obtida pelo exercício correcto da fé e assim torna-se uma experiência viva no recebedor. É o tesouro mais desejável que qualquer alma pode desejar porque traz o dom da vida eterna.

Contudo, tal como o próprio Cristo confirmou com tristeza, poucos encontrarão e entrarão na imortalidade pela “porta estreita”. Milhões tentarão obter entrada, mas em muitos casos falharão porque lhes ensinaram aspectos errados a respeito da justificação.

O Supremo Mestre avisou que é o conhecimento da verdade que dá liberdade, ao passo que o erro sempre destruirá. Para receber a bênção da justificação pela fé em verdade, a alma necessitada tem de entender a natureza e extensão da condenação que repousa sobre si e a estrutura da solução que Deus proveu para remover aquele tremendo peso destruidor. Ela também tem que compreender exactamente o que Deus fará e o que a alma tem que fazer.

Então, tomando grande cuidado para não tentar fazer a parte de Deus, o pecador segue fielmente os procedimentos descritos nas Escrituras. Com a mesma certeza que faz isto em viva fé, as bênçãos se seguirão. Será justificado e receberá a justiça de Cristo.

Esta publicação foi escrita para tornar estas coisas claras e é a nossa oração que todo o leitor venha a conhecer na experiência pessoal a bem-aventurança do “homem a quem Deus imputa a justiça, sem as obras”. *Romanos 4:6*.

Capítulo Um

A Bênção do Perdão

Todos começam a vida da mesma maneira, condenados e por isso pecadores injustificados. Passar a vida ignorando isto completamente, tal como faz a maioria das pessoas, não salva das consequências terríveis da condenação hereditária. A fuga só é possível quando o pecador, percebendo a sua situação desesperada, se lança a si mesmo na misericórdia de um Deus infinitamente compassivo e se agarra ao poder salvador em justificação pela fé.

O Espírito Santo nunca cessa os Seus esforços para trazer os homens a uma compreensão clara da sua condição perdida e do seu destino iminente. Infelizmente, com a maioria o Seu trabalho é um fracasso, mas há uns quantos que não rejeitam as revelações terríveis de Deus acerca da sua condição má e que pela aceitação das soluções divinamente formuladas passam da condenação para a justificação.

Primeiramente, o transgressor tem de ser exposto a uma convincente compreensão da sua verdadeira condição espiritual. Isto é só o passo *inicial* no procedimento, porque também tem que lhe ser ensinada a natureza da condenação que está a esmagá-lo, o poder e âmbito da justificação, o papel de Deus na aplicação do remédio e como ele tem de fazer em favor de si próprio o que o Salvador não pode fazer por ele. Não pode haver o perigo de confundir a obra de Deus e a sua própria obra. Ele tem que entender os simples mas precisos procedimentos que devem ser seguidos para efectuar a libertação da condenação. Tudo isto tem de ser ensinado e deve ser entendido pelo suplicante.

Quando o Espírito Santo através do Seu ministério convencer a alma a trocar a complacência pelo horror da grande treva e da eterna sensação de desespero que assalta aquele que vê a sua verdadeira condição, está preparado o caminho para a justificação do pecador. À medida que a alma desesperada é cheia deste sagrado dom, é transportada a uma experiência demasiado maravilhosa e bendita para a linguagem humana descrever. O novo filho de Deus ao procurar dar testemunho deste maravilhoso dom de Deus, descobre que só é compreendido por aqueles que já receberam a mesma bênção.

Davi foi um deles. Ele *sabia* o que era estar no fundo do abismo da condenação, injustificado, condenado à morte eterna e separação perpétua de Deus e do Céu. Ele experimentou isto de um modo vívido e inesquecível.

Ele também sabia o que significava ter aquela escuridão e desespero trocado pela absoluta *bem-aventurança* do perdão dos pecados, a *bem-aventurança* da justificação de Deus. Ouvi o seu testemunho:

“Esperei com paciência no Senhor, e ele se inclinou para mim, e ouviu o meu clamor.

“Tirou-me dum lago horrível, dum charco de lodo, pôs os meus pés sobre uma rocha, firmou os meus passos;

“E pôs um novo cântico na minha boca, um hino ao nosso Deus; muitos o verão, e temerão, e confiarão no Senhor.” *Salmos* 40:1-3.

Davi tinha sido elevado das profundidades e escuridão da cova para o terreno sólido e saídas firmes pelo poder vivo do perdão e justificação de Deus. Que alegria e felicidade possuía ele em consequência.

Paulo compreendeu a experiência de Davi, porque passou exactamente o mesmo caminho. Assim quando chegou à descrição desta verdade gloriosa da justificação pela fé, dirigiu o leitor para o testemunho de Davi com estas palavras: “Assim, também, David declara *bem-aventurado* o homem a quem Deus imputa a justiça, sem as obras,

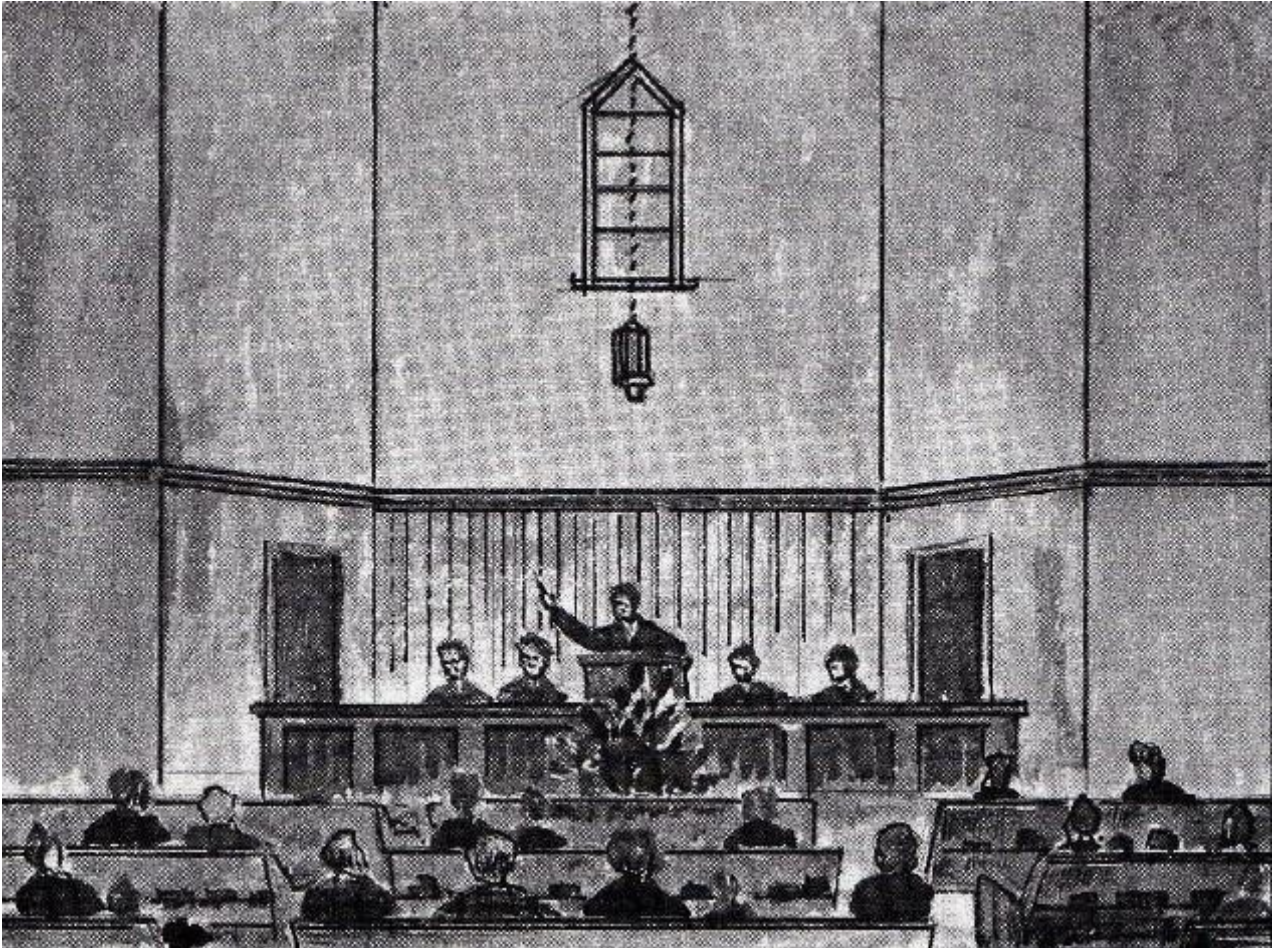
“Dizendo: *Bem-aventurados* aqueles cujas maldades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos.” *Romanos* 4:6, 7, a citação de Davi é de *Salmos* 32:1, 2.

Há multidões que acreditam que o Senhor perdoou os seus pecados, mas quantos podem verdadeiramente testemunhar a *bem-aventurança* do homem cujos pecados são perdoados? Esta bem-aventurança é de Deus e vem de Deus. Aqueles que a possuem estão desfrutando de grande felicidade, têm doce paz e estão conscientes da aprovação de Deus. Esta é uma experiência incomparável sem a qual nenhum homem pode ver Deus. Esta é a alegria de todas as alegrias, a felicidade de toda a felicidade. Os que verdadeiramente têm a justificação pela fé verificarão que brotam espontaneamente dos seus corações gratos as palavras vivas do salmista: “Far-me-ás ver a vereda da vida; na Tua presença há *abundância de alegrias*; à Tua mão direita há *delícias perpetuamente*.” *Salmos* 16:11. Isto é a vida eterna. Isto é conhecer “a Ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a Quem” “Ele enviou”. *João* 17:3.

Este assunto é tão importante e a experiência tão desejável, que pelo menos dois desenvolvimentos deveriam ser manifestos à medida que o fim se aproxima. Primeiramente, entre os verdadeiros filhos de Deus este será o tópico de interesse e assunto principal da pregação como está escrito: “Um interesse prevalecerá, um assunto tragará todos outros, — Cristo nossa justiça.” *The Review and Herald Extra*, 23 de Dezembro de 1890.

Em segundo lugar, nas igrejas que Satanás colocou sob o domínio do seu poder enganador e onde ele fará parecer que Deus está a operar poderosamente, uma contrafacção exacta e convincente de justificação pela fé será o tópico principal de interesse. Com grande certeza e poder considerável, os ministros apresentarão constantemente o tópico espúrio e multidões regozijar-se-ão porque pensam que estão a ouvir a verdade salvadora.

Isto confronta todo o lutador sincero da vida eterna com o problema de identificar o verdadeiro do falso. Os que na geração presente são inclinados para as coisas espirituais, não podem estar senão atentos para esta dificuldade quando ouvem vozes contraditórias em todo o lado proclamando as várias versões de justificação pela fé. Obviamente que devido ao facto de haver apenas um só caminho de salvação, nem todas estas mensagens que dão pelo mesmo nome podem ser luz enviada do Céu. Nada é mais desejável do que ter como tema dominante a verdade sobre a justiça de Cristo, mas a que é pregada deve ser a verdade, não uma falsificação inteligente.



Aquilo que é pregado como *justificação pela fé* nem sempre é o suposto ser.

Ninguém deveria estar surpreso com esta confusão, porque há amplas advertências nas Escrituras que predizem isto. Cristo avisou: “Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos.” *Mateus 24:24*.

Falsos cristos e falsos profetas virão *aparentemente* ensinando exactamente o que o Salvador e os apóstolos ensinaram — justificação pela fé. Tão próxima será a semelhança espúria que os próprios escolhidos estarão em perigo. Portanto, todos necessitam ter a certeza que, acerca deste assunto, têm a verdade como ela é em Jesus e que entendem justamente como entrar na experiência e mantê-la.

Contradições Aparentes

Nas Escrituras há dois conjuntos aparentemente contraditórios de declarações que descrevem a justificação pela fé. Um descreve-a como um crédito da justiça de Cristo ao crente de forma que este se apresenta perante Deus como se nunca tivesse pecado. O outro informa-nos que justificação é tornar um homem justo em si mesmo.

No princípio, parece impossível reconciliar estas duas especificações diferentes e alguns buscam evitar as discrepâncias aparentes escolhendo um conjunto ou outro e construindo a sua teologia nos versículos que escolheram.

Os verdadeiros filhos de Deus nunca adoptam esta forma de agir. A sua fé absoluta na autoria divina das Escrituras assegura-lhes que não há nenhuma

contradição real na Palavra de Deus e qualquer que pareça existir é o resultado da falta de compreensão humana e que, sob a orientação do Espírito, cada texto será achado em harmonia com todos os outros. Não há qualquer necessidade de ignorar um conjunto de testemunhos em favor do outro. Esta é uma prática que garante privar qualquer um do correcto entendimento da verdade que trará o dom da vida eterna.

Portanto, os verdadeiros filhos de Deus juntam todos os testemunhos a respeito do assunto e depois em oração submissa ao Mestre divino, procuram até as respostas lhes serem reveladas. Este é o único caminho seguro, porque de nenhum outro modo pode ser achada a verdade e a salvação ser assegurada.

Em primeiro lugar, serão citados vários testemunhos que confirmam que justificação é um crédito ou uma imputação da justiça.

“Que diremos, pois, ter alcançado Abraão, nosso pai, segundo a carne?”

“Porque, se Abraão foi justificado pelas obras, tem de que se gloriar, mas não diante de Deus.

“Pois, que diz a Escritura? Creu Abraão a Deus, e isso lhe foi *imputado* como justiça.

“Ora, àquele que faz qualquer obra, não lhe é *imputado* o galardão segundo a graça, mas segundo a dívida.

“Mas, àquele que não pratica, mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é *imputada* como justiça.” Romanos 4:1-5.

Nesta passagem, Paulo salientou que a justiça é imputada, contada, ou creditada ao pecador. Por causa da alma necessitada ser incapaz de alcançar justificação pelas próprias obras ou esforços, ela tem que lhe ser dada por alguém que possa. Jesus Cristo é o Benfeitor.



Tal como Davi também descreveu a felicidade do homem, a quem Deus imputou a justiça sem as obras, dizendo: Bem-aventurados aqueles cujas maldades são perdoadas, E cujos pecados são cobertos. Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa o pecado. – Romanos 4:6-8.

Isto é explicado claramente na declaração seguinte: “A lei requer justiça, e esta o pecador deve à lei; mas é ele incapaz de a apresentar. A única maneira em que pode alcançar a justiça é pela fé. Pela fé pode ele apresentar a Deus os méritos de Cristo, e o Senhor lança a obediência de Seu Filho a crédito do pecador. A justiça de Cristo é aceita *em lugar* do fracasso do homem, e Deus recebe, perdoad, justifica a alma arrependida e crente, trata-a *como se fosse justa*, e ama-a tal qual ama Seu Filho. Assim é que a fé é *imputada* como justiça; e a alma perdoada avança de graça em graça, de uma luz para luz maior. Pode dizer, alegremente: ‘Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a Sua misericórdia, nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo, que abundantemente Ele derramou sobre nós por Jesus Cristo nosso Salvador; para que, sendo justificados pela Sua graça, sejamos feitos herdeiros segundo a

esperança da vida eterna.’ Tito 3:5-7.” *Mensagens Escolhidas* 1:367. Originalmente em *The Review e Herald*, 4 de Novembro de 1890.

O mesmo pensamento é expresso novamente nestas palavras: “Era possível a Adão, antes da queda, formar um caráter justo pela obediência à lei de Deus. Mas deixou de o fazer e, devido ao seu pecado, nossa natureza se acha decaída, e não podemos tornar-nos justos. Visto como somos pecaminosos, profanos, não podemos obedecer perfeitamente a uma lei santa. Não possuímos justiça em nós mesmos com a qual pudéssemos satisfazer às exigências da lei de Deus. Mas Cristo nos proveu um meio de escape. Viveu na Terra em meio de provas e tentações como as que nos sobrevêm a nós. Viveu uma vida sem pecado. Morreu por nós, e agora Se oferece para nos tirar os pecados e dar-nos Sua justiça. Se vos entregardes a Ele e O aceitardes como vosso Salvador, sereis então, por pecaminosa que tenha sido vossa vida, *considerados* justos por Sua causa. O caráter de Cristo *substituirá* o vosso caráter, e sereis aceitos diante de Deus exatamente *como se não houvésseis* pecado.” *Caminho a Cristo*, 62.

Estes dois testemunhos reiteram e dão amplitude à mensagem de Paulo em *Romanos* 4:1-5. Eles confirmam que o pecador que está perante Deus carregando a condenação mortal obtida por uma vida de iniquidade, não pode fazer nada de si mesmo para remover o fardo. A salvação não pode vir pelas obras humanas. A única esperança do homem é Deus imputar-lhe a justiça. Enquanto o transgressor cumpre a sua parte pelo arrependimento e confissão aceitável, Cristo intervém e transfere o crédito da Sua própria justiça imaculada para a conta do pecador. Ao mesmo tempo, Ele toma a iniquidade do transgressor para Si próprio colocando a Sua própria justiça. Uma vez completada esta transação, o justificado está perante Deus tão completamente *contado* como justo *que é como se nunca tivesse pecado*.

Há uma decidida diferença entre dizer que um homem *é* justo e dizer que ele é *considerado* ou *como se fosse* justo. O primeiro testemunho declara que a pessoa ficou justa em si mesma. O segundo nega isto porque declara que ela é só *como se fosse* justa. A mensagem simples e inevitável destes testemunhos é que uma pessoa é justificada *sem ser feita justa*.

Esta é uma emocionante e bela verdade que, quando compreendida, recebida e experimentada, traz grande alegria e paz maravilhosa. Assim deve ser, porque é uma oferta incrível feita por um Deus justo aos transgressores totalmente indignos. Tolos são realmente os que de qualquer forma falham em apropriar-se do maravilhoso dom. Que todos ponham de parte quaisquer dúvidas sobre o poder perdoador de Deus e desfrutem a bem-aventurança de saber que depois de terem recebido a justificação de Deus, estão perante Ele *como se nunca tivessem pecado*. O que mais poderia ser pedido?

Maravilhoso como isto é, não é toda a história. O Senhor oferece muito mais. Infelizmente, muitos religiosos nunca passam desta fase porque estão bastante contentes por fazer disto toda a mensagem da justificação. Mas os textos e testemunhos citados acima não são os únicos que se encontram na Palavra inspirada. Há outros que por declararem claramente que Deus justifica o pecador tornando-o verdadeiramente justo, apresenta o que parece ser um quadro contraditório.

Embora no início isto possa parecer confuso e enganador, estes outros versículos e testemunhos também devem ser recebidos tal como são lidos. O Autor divino das Escrituras, o Espírito Santo, colocou-os ali para nos revelar toda a verdade sobre o assunto. Nenhum estudo de justificação pela fé estaria completo sem considerar estes outros testemunhos. Então, nós também os leremos.

Paulo, o grande apresentador deste tema, escreveu: “Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo.” *Romanos 5:1*.

Ser justificado pela fé, então, é *ter* a paz com Deus. Mas é impossível ter paz com Deus e simultaneamente estar em inimizade com Ele. Portanto, qualquer inimizade que estivesse presente antes da justificação, é removida para dar a justificada paz com Deus.

O que é esta inimizade?

É isto uma atitude mental hostil, a culpa dos pecados não confessados e não perdoados existente há muito, ou é a colocação de uma vontade perversa contra as influências divinas?

Não é nenhum destes, embora todos estejam presentes onde a inimizade é achada. A inimizade é a mente carnal como está escrito: “Porquanto a *inclinação da carne* é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser.” *Romanos 8:7*.

Notai que o versículo *não* diz que a mente carnal (inclinação da carne) *está* em inimizade mas que *é* inimizade. Esta distinção é muito importante na compreensão da Escritura.

Em 1893, A.T. Jones estava a pregar aos delegados reunidos na sessão da Conferência Geral em Minneapolis, Minnesota, quando chegou à discussão deste versículo. Aqui está como o discurso seguiu:

“Agora Romanos 8:6, 7. ‘Porque ter a mente carnal é morte.’ Qual é a condição do homem que tem apenas a mente natural? [Congregação: ‘Morto.’] ‘Mas ter a mente espiritual é ter vida e paz. Porque a mente carnal [a mente natural]’ está *em* inimizade contra Deus. [Congregação: ‘Não; é inimizade contra Deus.’] Não; não *está* em inimizade contra Deus; mas ela própria, *é* inimizade. ‘É inimizade contra Deus; pois não é sujeita à lei de Deus,’ até que o homem seja convertido? [Congregação: ‘Nem em verdade o pode ser’] Não pode ser? Não pode Deus tornar essa mente sujeita à Sua lei? [Congregação: ‘Não.’] Ora, não pode o Senhor tornar essa mente que está em vós e em mim — a mente natural — não pode Ele torná-la sujeita à Sua lei? [Congregação; ‘Não.’] O que é essa mente? É inimizade *contra* Deus. Não pode o Senhor tornar aquilo que *é* inimizade *contra* Si, — não pode Ele fazer com que isso O ame? [Congregação: ‘Não.’]”

“Aqui está a questão: se ela estivesse *em* inimizade, então podia ser reconciliada, porque aquilo que *a torna* inimiga seria a fonte do problema. E portanto, tirada a fonte da dificuldade, então aquilo que está em inimizade ficaria reconciliada com Deus. Nós estamos *em* inimizade; mas quando Ele tira a inimizade, *ficamos* reconciliados com Deus. Contudo, nesta questão da mente carnal, nada há entretanto; *ela é a própria origem*. Ela é a raiz.

“Então ela *não pode* ser sujeita à lei de Deus. A única coisa que se pode fazer com ela, é *destruí-la, arrancá-la, bani-la, aniquilá-la*. Que mente é essa? [Congregação: ‘A de Satanás.’] É a mente do eu e que é de Satanás. Ora, o que pode um homem fazer no caminho da justiça? O que pode ser feito nele, mesmo, no caminho da justiça, enquanto essa outra mente ali estiver? [Congregação: ‘Nada.’]” A.T. Jones, *1893 General Conference Bulletin*, 260. Ênfase original.

Por conseguinte, de acordo com as Escrituras, a mente carnal é a inimizade. Tal como as trevas são o oposto da luz e tal como é impossível uma habitar na presença da outra, assim a mente carnal é inimizade contra Deus e não pode habitar com Ele.

Portanto, cada pessoa que tem a inclinação da carne tem ao mesmo tempo, o que essa inclinação da carne é — inimizade contra Deus. É impossível ter esta inimizade e também ter paz com Deus. Portanto, quando pode ser dito a respeito

de uma pessoa que ela entrou em harmonia com Deus, isto mostra que uma obra transformadora foi efectuada nela envolvendo a erradicação da antiga mente carnal e houve uma substituição com a preciosa vida de Cristo. Então ela está justificada.

Estes versículos, *Romanos* 8:7 e 5:1, não dá indicação que justificação pela fé é uma obra de contabilização. Pelo contrário, eles falam em termos de uma obra de purificação e recriação que transforma o crente de um pecador em santo. Só Cristo pode realizar esta obra, porque só Ele tem o poder para remover a inimizade e instalar a Sua vida em seu lugar. Justificação, tal como estabelecido nesta Escritura, é a *criação de um novo homem em justiça*.

A maioria das religiões modernas chega ao ponto de negar que houve a realização de qualquer obra real de transformação no crente. Baseiam-se fortemente no pensamento que estar *em* Cristo, não é mais do que dizer que Cristo está nele. Outros aproximam-se um passo mais da verdade reconhecendo que o evangelho de facto muda as vidas dos homens, mas não vêem que esta transformação é realizada através da justificação. Para eles, é apenas um acto judicial pelo qual a alma é libertada da condenação, depois da qual a santificação gradualmente muda a pessoa na semelhança de Cristo. A verdade real é que a santificação continua a obra começada pela justificação.

Como a ideia que justificação é mais do que considerar um homem meramente justo é tão estranha à mente comum, é necessário citar mais evidências bíblicas.

“Porque Ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um; e, derrubando a parede de separação que estava no meio.” *Efésios* 2:14.

Se Paulo tivesse escrito que Cristo *faz* a paz entre o homem e Deus, teria dito a verdade, mas não com o poder e eficácia das palavras maravilhosas “*Ele é a nossa paz*”. A perfeita harmonia entre dois seres só pode ser alcançada quando as suas naturezas são compatíveis, sejam eles humanos ou divinos. Assim, a implantação da vida de Cristo dentro do crente estabelece paz com Deus da mesma maneira que seguramente a presença da mente carnal assegura a inimizade com Ele.

A verdadeira paz com Deus nunca pode ser alcançada simplesmente considerando ou contando um homem como justo. Unicamente pela mudança da sua natureza de forma que ela esteja em harmonia com Deus pode uma tal relação ser estabelecida. Esta transformação maravilhosa só pode ser efectuada pela erradicação da vida que brotou da semente de Satanás e foi substituída pela semente de Cristo.¹ Aquela vida no crente é a paz com Deus, porque Cristo é a nossa paz. Tê-lo é paz, enquanto estar sem Ele é inimizade contra Deus. Só quando a vida d’Ele foi implantada está o crente justificado.

“Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.” *2Coríntios* 5:17. Esta Escritura testemunha a mesma verdade. Nenhum homem está em Cristo a menos que esteja justificado, o qual, de acordo com este versículo, significa que a velha espiritual natureza má, morreu e ele tornou-se uma nova criação. Esta obra de recriação não é realizada considerando um homem justo mas *tornando-o* justo.

Uma das mais claras e mais fortes evidências que ensinam estas verdades encontra-se em *Romanos* 8:1, 2.

¹ Para uma explicação pormenorizada desta verdade, vede *Os Vivos e os Mortos*, por F.T. Wright.



Quando um juiz terrestre, numa sala de um tribunal terrestre declara um homem inocente, dá uma ilustração incompleta e parcial, da justificação celestial. Os tribunais da Terra justificam com base naquilo que o homem fez. Deus justifica com base naquilo que o homem fez e naquilo que o homem é. O princípio similar entre os dois é que ambos justificam tanto quanto podem ver. Como não é capaz de ler o coração, o juiz terrestre não pode julgar aquilo que o homem é. Isto pode ser feito pelo Céu e este o fará.

“Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito.

“Porque, a lei do espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte.”

Dizer que “agora, *nenhuma condenação há*”, é dizer precisamente o mesmo que, “Portanto, agora há *justificação*”.

As duas palavras, “portanto” e “agora”, indicam que a condição de nenhuma condenação (ou justificação) foi obtida porque certas coisas aconteceram. Paulo não diz que é por causa do pecador ter sido perdoado das suas acções passadas, embora isto faça parte, mas porque foi liberto do poder controlador da lei do pecado e da morte. Ele diz claramente que já não há mais qualquer condenação “Porque, a lei do espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte.” *Romanos 8:2*.

O que é esta lei de pecado e morte?

Em todo o capítulo sete de *Romanos*, Paulo mostrou que é um poder que controla o pecador contra a sua vontade e o obriga a cometer pecados que ele sabe que não deveria cometer. Este poder que mora no interior não é a culpa do pecado, porque a culpa, em vez de compelir um homem a continuar as mesmas práticas más, enche-o do desejo de acabar com elas.

A libertação de um transgressor da culpa do pecado não é uma obra que o deixa livre da lei do pecado e da morte, embora os dois acontecimentos venham juntos. A salvação de culpabilidade é alcançada por uma obra; a libertação da lei do pecado e da morte requer outra. Só quando ambas estiverem efectuadas está a pessoa justificada.

Neste momento alguns podem sentir que o estudo se tornou confuso. Enquanto alguns testemunhos declaram positivamente que aquela justificação está a considerar um homem justo, outros mostram que um homem não está justificado enquanto não for feito justo. Até agora, nenhum esforço foi feito para reconciliar esta aparente contradição, porque o propósito tem sido mostrar que existem estes testemunhos aparentemente contraditórios. Uma vez que isto foi alcançado

podemos descobrir como eles se harmonizam. Isto será muito mais simples do que se esperaria.

Entretanto em primeiro lugar, serão examinados mais testemunhos que confirmam que aqueles que são feitos justos estão desse modo justificados.

“Aquele que não nascer de novo não pode ver o reino de Deus.” João 3:3. Conjeturará e imaginará, mas sem os olhos da fé, não pode ver o tesouro. Cristo deu a Sua vida para nos assegurar esse tesouro inestimável; porém *sem regeneração* pela fé em Seu sangue, *não há remissão* de pecados, nem tesouro para alguém prestes a perecer.” *Parábolas de Jesus*, 112, 113.

“Sem regeneração... não há remissão de pecados.”

O que é regeneração e o que é remissão de pecados?

Estas duas perguntas devem ser respondidas correctamente se quisermos compreender os testemunhos citados. Gerar é dar vida quando o Senhor fez o homem no passado no Éden.

“Estas são as origens dos céus e da terra, quando foram criados: no dia em que o Senhor Deus fez a terra e os céus.” *Gênesis* 2:4.

Aquela obra de criação deu ao homem a existência. Abençoado com o dom da vida, era intenção que vivesse para sempre. Infelizmente ele não estimou o dom como deveria e por conseguinte perdeu-o.

Ele precisou de perdão pelo que tinha feito, mas mais do que isso ele precisou de uma regeneração de vida para substituir a que tinha perdido. No plano de salvação, Deus fez toda a provisão para suprir esta necessidade. Cristo anunciou isto quando disse: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância.” *João* 10:10.

A vida que o Cristo veio dar não era uma “... modificação ou melhoramento da antiga, mas uma transformação da natureza.” *O Desejado de Todas as Nações*, 172. É a própria vida perfeita, justa e santa de Cristo que, uma vez dada ao crente na regeneração, o faz justo em si mesmo. Não há nenhuma diferença entre a obra da criação e a regeneração. A última é só a repetição da anterior tornada necessária porque a vida recebida na primeira criação foi perdida. Ao contrário da regeneração do corpo que acontece no segundo advento, a regeneração da vida espiritual é a experiência de todo o cristão renascido.

Este não é um dom fictício. Cristo na verdade dá a Sua vida ao crente que literalmente se torna uma nova criação. Se isto não fosse assim, o milagre não podia ser verdadeiramente como uma regeneração.

Deus não pode produzir nada com defeito ou imperfeito, assim a nova vida que o crente recebe na experiência do novo nascimento é tão perfeita quanto a que foi dada a Adão no Éden. Muitos têm dificuldade em entender toda a glória e poder desta verdade porque não vêem qualquer mudança física visível nas vidas do cristão que indique a posse da vida eterna. Não compreendem que a regeneração está neste momento limitada à natureza espiritual e por causa do corpo físico não regenerado ser um instrumento extremamente pobre para exprimir a nova vida maravilhosa que está no interior, muito pouco da sua glória é manifestado. A vida está lá mas escondida.

Regeneração, sendo recriação à imagem de Deus, não pode ser outra que não tornar um homem justo.

Por outro lado, *remissão é mandar embora* ou *transferir*. É a obra que é feita quando Cristo alivia o peso da culpa do pecador a transfere para Ele e ao mesmo tempo imputa a justiça d’Ele ao arrependido. Isto significa que o Pai divino pode considerar a pessoa justa ou justificada.

Uma vez que os termos usados no testemunho estão definidos, o testemunho em si mesmo pode ser compreendido. Com simplicidade, poder e grande clareza ele declara que a menos que uma pessoa seja feita justa, os pecados não podem ser perdoados. Aquele cujos pecados não foram perdoados, certamente não está justificado.

O testemunho não ensina que a regeneração é a obra de santificação. Para ensinar isto, ele teria que dizer que regeneração antecede a remissão porque o primeiro nunca pode ser o último. Ao contrário da teologia popular, a obra inicial de tornar um homem justo é justificação, não santificação.

As referências citadas para afirmar que aqueles que foram feitos justos estão justificados, são da mesma maneira tão claras como que as dizem que a justificação é um crédito ou uma contabilização da justiça. Obviamente, cada posição tem um poderoso apoio bíblico.

Porém, deveria ser notado que quando é feita uma declaração bíblica para descrever a justificação como um crédito de justiça, a referência não contém nada sobre ser também uma obra de regeneração, e vice-versa. Cada texto é dedicado à ampliação de um lado ou do outro lado e é difícil encontrar um que inclua ambos os lados.

Nós podemos agora considerar um testemunho que expressa o pensamento obtido anteriormente neste estudo da comparação de *Romanos* 5:1 e 8:7. Acha-se em *Caminho a Cristo*, 49, trata-se primeiramente da condição e necessidade do pecador e em seguida pergunta como é que aquela necessidade pode ser satisfeita. É a última frase que declara a mesma verdade encontrada em *Romanos* 5:1 e 8:7.

“À medida que vossa consciência foi sendo despertada pelo Espírito Santo, vistes algo da malignidade do pecado, de seu poder, sua culpa, sua miséria; e o olhais com aversão. Sentis que o pecado vos separou de Deus, que estais cativos do poder do mal. Quanto mais lutais por escapar a ele, tanto mais reconheceis vossa impotência. Vossos motivos são impuros; impuro é vosso coração. Vedes que vossa vida tem sido repleta de egoísmo e pecado. Almejais então o perdão, a pureza, a liberdade. Harmonia com Deus, Sua semelhança — que podeis fazer para alcançá-lo?”

Considerai a primeira expressão da última frase, “Harmonia com Deus”.

Harmonia com Deus é paz com Deus, a mesma paz falada de em *Romanos* 5:1. Aqueles que estão justificados têm esta paz. “Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo.”

A Segunda expressão é “semelhança com Ele”. *Semelhança com Ele* é um estado possuído apenas pelo regenerado. É uma condição alcançada pelo poder recriador de Deus a trabalhar no arrependido, não um padrão de perfeição adquirido por ser considerado como justo. “Quando a alma se rende inteiramente a Cristo, novo poder toma posse do coração. Opera-se uma mudança que o homem não pode absolutamente operar por si mesmo. É uma obra sobrenatural introduzindo um sobrenatural elemento na natureza humana.” *O Desejado de Todas as Nações*, 324.

Quando a frase, “Harmonia com Deus, Sua semelhança — que podeis fazer para alcançá-lo?” é lida, há uma forte tendência para pensar que está a ser feita referência a duas coisas diferentes. Muitas pessoas separariam *harmonia* com Deus na categoria de justificação, e *semelhança* com Ele na área da santificação, mas a construção da frase não dá suporte a estas conclusões. Para ser assim, teria que se ler: “Harmonia com Deus, Sua semelhança — que podeis fazer para alcançá-las?”, em vez de, “... que podeis fazer para alcançá-lo?”.

Nenhum erro gramatical foi cometido aqui. Harmonia com Deus e semelhança com Ele é uma e a mesma coisa. O único modo como qualquer um pode estar em paz com Deus é ser como Ele, porque não há comunhão alguma entre um Deus justo e uma pessoa injusta. Se estes dois realmente são um e se justificação traz esta paz, ela também traz esta semelhança com Deus. Portanto, justificação é o meio pelo qual a alma é transformada à semelhança de Deus e confirma uma vez mais a verdade que “sem regeneração... não há remissão de pecados, nem tesouro para alguém prestes a perecer.” *Parábolas de Jesus*, 113.

Harmonia com Deus e *semelhança* com Ele são exactamente a mesma coisa porque Cristo é a nossa paz. Ter Cristo é ter a Sua vida — a Sua justiça imputada e concedida — pela qual o pecador se torna justo em si mesmo, embora não por si próprio. Até aqui no que respeita ao seu estado pessoal, uma pessoa assim não precisa estar à vista de Deus *como se fosse* justa porque ela já o é de facto.

Isto não nega que haja um modo em que ela pode estar perante Deus *como se* nunca tivesse pecado. Há um lugar para esta obra e um lugar para ela ser justa de facto. Isto torna-se claro quando as contradições aparentes são reconciliadas.

Muito mais evidências podiam ser apresentadas para comprovar este aspecto da justificação mostrando que a sua bênção é um acto de tornar uma pessoa justa, mas as apresentadas já são suficientes para demonstrar o ponto de vista que há dois conjuntos de testemunhos que dão suporte a este assunto.

Tal como verificámos, um conjunto apresenta a justificação como uma acção legal pela qual a justiça é *creditada* ou *concedida* ao pecador de forma que ele está perante Deus não como uma pessoa íntegra, mas *como se fosse* ou *por assim dizer* justo. Os que constroem a sua teologia neste lado da questão não vêem possibilidade alguma de um homem se tornar justo quando Deus apenas o conta como tal.

O outro conjunto ensina que a justificação envolve a transformação do injusto num justo. Isto leva uma pessoa a perguntar porque é que a pessoa precisa de ser considerada como se fosse justa, quando pode estar perante Deus em justiça embora não seja a fonte deste abençoado estado.

Como cristãos honestos, temos que acreditar nestes dois conjuntos de testemunhos exactamente como os lemos e continuar a ver perfeita harmonia entre ambos. Nesta fase pode parecer impossível, mas quando os princípios são estudados, acharemos a solução surpreendentemente simples.

Capítulo Dois

Ser Feito Justo

Até aqui, foram considerados testemunhos que declaram que justificação é *contar* um homem como justo e outros já foram lidos mostrando que justificação é *fazer* o homem justo. Estes testemunhos que falam de um homem ser *feito* justo não se referem a este acto como a obra da santificação, mas à obra da *justificação*.

Temos que aprender agora como harmonizar estas aparentes contradições sem mudar de qualquer modo o pleno significado das Escrituras. Por isso quando Deus declara que a justificação é *reconhecer* um homem como justo de modo que ele está perante Deus *como se* ou por assim dizer *sem* nunca ter pecado e foi justo, *então isto é o que justificação tem que ser*.

Semelhantemente, quando a mesma Palavra declara que justificação é *tornar* um homem justo, de modo que ele é *verdadeiramente justo* perante Deus, *então outra vez isto é o que justificação tem que ser*.

O facto é que justificação é *tanto* o contar como tornar. Ela tem que dar as duas bênçãos à pessoa. Tem que fazer isto por causa da necessidade, porque o pecador tem uma carga vinda não de uma mas de duas fontes de condenação. Durante demasiado tempo muitas pessoas têm defendido pontos de vista a respeito do problema do homem que são demasiados estreitos e limitados. O resultado foi que o seu conceito acerca do que Deus devia fazer para justificar o homem também ficou limitado. Estes conceitos errados têm que ser modificados por um equilibrado e mais amplo ponto de vista a respeito deste tema vital

A necessidade disto é confirmada nas seguintes palavras: “O perdão, porém, tem sentido mais amplo do que muitos supõem.” *O Maior Discurso de Cristo*, 114. A menos que a nossa condição espiritual seja melhor do que a dos adventistas em 1889, as advertências que se seguem continuam a ser verdadeiras: “Não há um em cem que compreenda por si mesmo a verdade bíblica a respeito deste assunto [justificação pela fé e a justiça de Cristo] que é tão necessário para o nosso presente e eterno bem-estar.” *Review and Herald*, 3 de Setembro de 1889.

Em 1889, as pessoas a quem estas palavras foram primeiramente dirigidas *pensavam* que compreendiam a verdade sobre este assunto. Mas a Palavra do Deus vivo, o testemunho da Testemunha Verdadeira declarou o contrário, de maneira que a responsabilidade de olhar e examinar mais de perto a nossa experiência para ver se compreendemos realmente a verdade a respeito deste assunto ainda se mantém. **Será uma coisa terrível despertar demasiado tarde para uma compreensão que temos confiado numa falsa esperança.**

Justificação

Como Imputação ao Homem

Rom. 4:5-6 Mas, àquele que não pratica, mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça.

M.E. 1:367 A justiça de Cristo é aceita em lugar do fracasso do homem, e Deus recebe, perdoa, justifica a alma arrependida e crente, trata-a *como se fosse justa*, e ama-a tal qual ama Seu Filho.

C.C. 62 O caráter de Cristo substituirá o vosso caráter, e sereis aceitos diante de Deus exatamente *como se não houvésseis pecado*.

“O perdão de Deus não é meramente um ato judicial pelo qual Ele nos livra da condenação. É não somente perdão pelo pecado, mas livramento do pecado. É o transbordamento de amor redentor que transforma o coração.” M.D.C.114

Como Transformação do Homem

Rom. 8:7 Porquanto a inclinação da carne é inimizada contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser.

Rom. 5:1 Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo.

P. J. 54 Cristo deu a Sua vida para nos assegurar esse tesouro inestimável; porém sem regeneração pela fé em Seu sangue, não há remissão de pecados, nem tesouro para alguém prestes a perecer.

M.D.C.114 [O perdão de Deus] perdão *pelo* pecado, mas livramento *do* pecado.

Quando a alma faminta e sedenta alcança a correcta visão deste assunto, verá verdadeiramente que: “O perdão, porém, tem sentido mais amplo do que muitos supõem. Dando a promessa de que perdoará ‘abundantemente’, Deus acrescenta, como se o significado dessa promessa excedesse a tudo que pudéssemos compreender: ‘Os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os Meus caminhos, diz o Senhor. Porque, assim como os céus são mais altos do que a Terra, assim são os Meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os Meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos.’ Isa. 55:8 e 9.” *O Maior Discurso de Cristo*, 114.

Esta Escritura destaca um dos erros mais comuns cometidos pelos intérpretes humanos da Palavra de Deus. Os homens estão familiarizados com a justificação limitada oferecida por tribunais de leis terrestres e aplicam a mesma definição ao ministério da justiça de Deus. Eles falham em reconhecer e atender à instrução dada em *Isaías* 55:8, 9, que os caminhos de Deus não são os caminhos dos homens. É necessário separar a definição da justificação de Deus da definição do homem. Isto significa que devem ser consideradas duas definições separadas.

Aqueles que seguem os pensamentos de Deus verão que: “O perdão de Deus não é meramente um acto judicial pelo qual Ele nos livra da condenação. O perdão, porém, tem sentido mais amplo do que muitos supõem. Davi tinha a verdadeira concepção do perdão ao orar: ‘Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova em mim um espírito reto.’ Sal. 51:10. E noutra lugar ele diz: ‘Quanto está longe o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões.’” Sal. 103:12.” *O Maior Discurso de Cristo*, 114.

Este testemunho não diz que o perdão de Deus não é um acto judicial; ele diz que não é *meramente* um acto judicial. Portanto, é um acto judicial e algo mais também. Não apenas uma obra mas duas. “É não somente perdão *pelo* pecado, mas livramento *do* pecado.”

O acto judicial de Deus de perdoar o pecado conta ou considera uma pessoa justa, ao passo que livrar do pecado fá-lo justo. A obra posterior é realizada pelo “transbordamento de amor redentor que transforma o coração”. A imaculada vida de justiça de Cristo é reproduzida dentro do crente e ele torna-se uma nova criatura. Este acto de recriar é do mesmo modo a obra da justificação e o reconhecimento do homem como justo.

“Davi tinha a *verdadeira* concepção do perdão ao orar: ‘Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova em mim um espírito reto.’ Sal. 51:10.” *O Maior Discurso de Cristo*, 114.

A declaração que Davi tinha a verdadeira concepção do perdão garante que há outros conceitos que estão incorrectos. Ter a verdade então sobre este assunto, é entender que a criação de um coração puro e a renovação de um espírito recto no interior são obras da justificação. Esta, infelizmente, não é a visão possuída por muitos professos cristãos hoje e eles são desse modo privados da bem-aventurança disponível nesta experiência.

Para curar esta deficiência de entendimento, o nosso estudo deve tornar claro que a justificação envolve tanto a obra do reconhecimento como a transformação. “É não somente perdão *pelo* pecado, mas livramento *do* pecado.” Este conhecimento, Este conhecimento, correctamente aplicado ao problema de pecado, é essencial para a vida eterna, assim todos os que quiserem herdar a Nova Terra têm que ter certeza que o têm claro nas suas mentes e efectivo nas suas experiências.

A justificação é a solução de Deus para o problema do pecado. Como há dois aspectos a solucionar, deve haver do mesmo modo duas condenações a remover.

Quais são estas duas condenações que pendem sobre as cabeças dos perdidos? Elas são a culpa dos pecados cometidos no passado e o peso da condenação nascida por causa da condição pecadora. Estes são dois problemas separados que devem ser resolvidos de duas maneiras diferentes.

Ninguém tem qualquer dificuldade em ver que o pecador está condenado por causa dos pecados que cometeu. Todos sabem que a menos que seja obtido o perdão, a punição para um acto errado é morte eterna. Porém, muitos também não vêem aquela eterna destruição que ameaça a pessoa porque a sua condição é pecadora.

Os que não podem ver isto estão prontos para ensinar e crer que toda a criança nasce justa e não passa pela condenação até cometer o seu primeiro pecado. Esta posição é o resultado natural da crença que o pecador só é condenado pelo que fez. Aqueles que adoptam esta posição encontram apoio para isso nas Escrituras que nos asseguram que ninguém será jamais castigado pelos pecados cometidos por outro.

“A alma que pecar, essa morrerá: o filho não levará a maldade do pai, nem o pai levará a maldade do filho: a justiça do justo ficará sobre ele, e a impiedade do ímpio cairá sobre ele.” *Ezequiel* 18:20.

Isto é totalmente justo e ninguém deveria ter qualquer dificuldade em entender esta provisão. Por exemplo, Adão, o pai justo do ímpio Caim, não foi culpado da morte de Abel. Caim, que cometeu a acção má, teve que suportar toda a responsabilidade.

Contudo, há um pecado cometido por um homem que é a excepção a esta regra e que é o primeiro acto de rebelião de Adão no Éden. Este único passo lamentável sentenciou todos os descendentes de Adão e Eva à condenação da morte, independentemente se alguma vez cometeram um acto pecaminoso ou não. Assim, se uma criança nascesse e em seguida morresse antes de pecar não estaria no reino a menos que a salvadora graça de Deus fosse aplicada para ela. Quando as pessoas cometem iniquidade, só somam mais condenação à que tinham quando nasceram.

Considerando os princípios envolvidos, não pode ser doutro modo. Adão foi designado por Deus para ser o dador de semente pela qual uma incontável descendência podia entrar no Seu reino e usufruir eternamente as bênçãos e benefícios. Enquanto a justiça e a vida permaneceram em Adão, ele podia transmitir isto à sua posteridade, mas, antes que tivesse qualquer descendência, o pecado e a morte entraram nele. A partir daquele momento, ele apenas poderia dar aos seus descendentes o que tinha em si — o pecado e a morte. Assim o seu único pecado colocou os seus filhos debaixo da condenação da morte eterna como está escrito: “Pois, assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens, para condenação, assim também, por um só acto de justiça, veio a graça sobre todos os homens, para justificação de vida.” *Romanos* 5:18.

Davi deu testemunho da mesma verdade quando disse: “Eis que em iniquidade fui formado e em pecado me concebeu minha mãe.” *Salmos* 51:5.

Assim ninguém pode escapar à hereditariedade natural que descende de Adão. Todos nascem sob a condenação da morte porque era impossível aos nossos primeiros pais para dar aos seus filhos a vida e justiça que eles já não tinham. Esta condenação repousa sobre todos, não por causa do que fizeram, mas por causa do que são.

A DUPLA CONDENAÇÃO E A DUPLA SOLUÇÃO

Ponto de
Justificação

Desde que nascemos até ser justificados *praticámos*
muitas acções pecaminosas.
Esta é uma história que nunca pode ser alterada.

A Penalidade Para Isto
É a MORTE

Para além disto temos o estado
de pecaminosidade.
Esta condição pode ser alterada.

A Penalidade Para Isto
Também É a MORTE

O NÃO JUSTIFICADO CARREGA UMA
DUPLA CONDENAÇÃO PARA A QUAL
TEM QUE TER UMA DUPLA
LIBERTAÇÃO ANTES DE SER
JUSTIFICADO.

PARA SOLUCIONAR
ESTE DUPLO PROBLEMA

Cristo *reconhece* o pecador como justo a respeito
dos registos do passado que não se podem alterar

E

Muda o seu coração torna-o justo removendo a
condenação da natureza má.

Somente Quando Ambos Os Problemas
Tiverem Sido Resolvidos Está Um
Homem Justificado

Assim que a criança comete o seu primeiro pecado, acrescenta mais uma condenação — a culpa da transgressão que ela na verdade cometeu. Esta situação dita que duas soluções tenham que ser aplicadas para lidar respectivamente com cada problema. A pessoa pode então ser justificada e assim herdar a vida eterna.

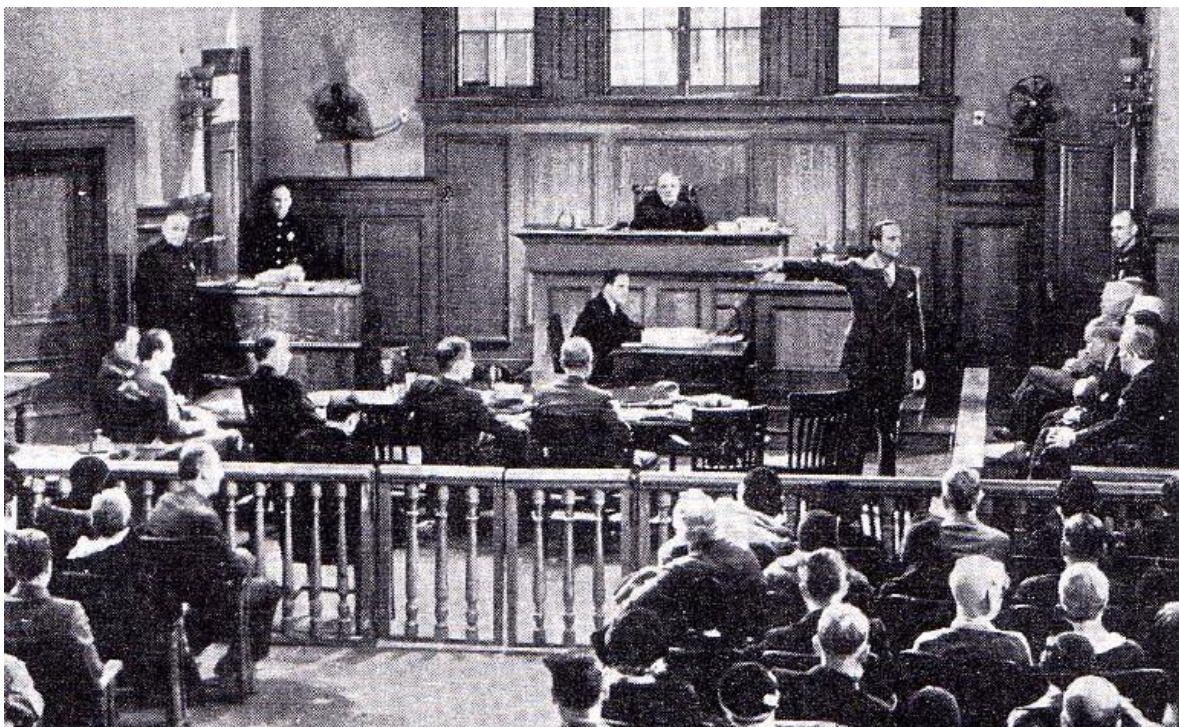
Que há duas obras da graça diferentes a ser levada a cabo pelo injustificado é tornado claro neste testemunho: “Não podeis expiar vossos pecados do passado, nem podeis mudar vosso coração e tornar-vos santo. Mas Deus promete fazer tudo isto por vós, mediante Cristo.” *Caminho a Cristo*, 51.

Esta referência aparece num contexto dedicado à descrição do modo pelo qual devemos crer em Deus para o *perdão* dos pecados. O parágrafo anterior começa com estas palavras: “Do singelo relato bíblico da maneira em que Jesus curava os doentes, podemos aprender alguma coisa acerca do modo em que devemos crer nEle para obter o *perdão* dos pecados.” *Caminho a Cristo*, 50.

Para mostrar o que é o perdão dos pecados e como ele deve ser recebido, a nossa atenção é dirigida em seguida para a cura do homem no tanque de Betesda. A sujeição e escravidão desse homem ao poder da sua doença são apresentadas como uma ilustração do domínio do pecado sobre o pecador.

“De igual modo sois vós um pecador.” *Caminho a Cristo*, 51.

O testemunho assegura-nos então que o modo pelo qual Cristo curou o homem doente é o modo pelo qual Ele perdoará ou justificará o pecador. Para alcançar isto, Cristo tem que executar uma operação dupla. Ele tem que expiar os nossos pecados passados e tem que mudar os nossos corações tornando-os santos. Notai cuidadosamente que o assunto abordado é o perdão ou justificação, não a progressiva obra de santificação que segue o novo nascimento.



Com que pavor o ofensor ouve o anúncio de culpado na sala de audiência do tribunal terrestre. Com que infinitamente maior temor o pecador ouvirá o veredicto de condenação quando pronunciado pelo Juiz celestial.

Homem não tem capacidade para fazer qualquer destas obras. Ele não pode fazer reconciliação pelos seus pecados do passado, mais do que fazer-se a si

mesmo santo. Se ele fosse deixado entregue aos seus próprios recursos teria motivos para desesperar, mas em vez disso pode regozijar-se na maravilhosa certeza, “Mas Deus promete fazer tudo isto por vós, mediante Cristo.” *Caminho a Cristo*, 51.

O que Deus prometeu, Ele certamente executará, contanto que o necessitado cumpra a sua parte do concerto. Embora vital para o sucesso da operação, a parte de homem é simples e facilmente compreendida. Ele tem que acreditar na *promessa*, confessar os seus pecados, *entregar-se* a Deus e *desejar* servi-l’O.

“Tão depressa isto fazeis, Deus cumpre Sua palavra para convosco. Se credes na promessa — credes que estais perdoado e purificado — Deus supre o fato: sois curado, exatamente como Cristo conferiu ao paralítico poder para caminhar quando o homem creu que estava curado. Assim é se o credes.” *Caminho a Cristo*, 51.

Quando esta obra é feita, o arrependido está justificado. Os seus pecados foram expiados de forma que ele está perante Deus como se nunca tivesse pecado e sua natureza foi transformada do pecado para a justiça tão efectivamente e verdadeiramente como o paralítico foi restabelecido à saúde física. Uma obra dupla foi realizada para resolver um problema duplo.

Ninguém devia adquirir a impressão que uma vez trazida esta bênção maravilhosa ao pecador, a obra está completa e nenhum avanço adicional pode ser feito. O facto é que a justificação é só o começo da longa obra de preparar um homem para o reino. Da mesma maneira como o matrimónio não coloca duas pessoas em perfeita harmonia imediata, assim a justificação não liberta a mente humana de todas as ideias e teorias erradas adquiridas no campo de Satanás. Isto leva tempo e é chamada a obra de reforma ou santificação — a obra de toda vida. O âmbito desta obra adicional é explicado no livro *Renascimento e Reforma*, do mesmo autor. O estudo deste volume mostrará que não há lugar na Escritura para uma doutrina “uma vez salvo, salvo para sempre”.

O fracasso das pessoas em geral em entender o âmbito total da justificação de Deus deve-se à tendência humana comum para comparar coisas divinas com coisas terrestres. Foi este o problema que Nicodemus enfrentou quando Cristo tentou revelar-lhe as gloriosas verdades a respeito da justificação pela fé.

“Jesus respondeu, e disse-lhe: Tu és mestre de Israel, e não sabes isto?”

“Na verdade, na verdade te digo que nós dizemos o que sabemos, e testificamos o que vimos; e não aceitais o nosso testemunho.

“Se vos falei de coisas terrestres, e não crestes, como crereis, se vos falar das celestiais?” *João 3:10-12*.

Quando falamos de justificação pela fé, falamos de coisas divinas. Estas são mais difíceis entender do que as coisas terrestres e as duas não devem ser confundidas. Há algumas diferenças importantes entre elas, sendo a principal que os tribunais terrestres são limitados na sua capacidade para julgar, ao passo que Deus é infinito.

Um juiz e um júri terrestre são incapazes de ler o coração. Eles só podem tentar decidir se uma pessoa fez ou não fez uma certa acção. Se é culpada de praticar um acto criminoso e por isso está debaixo da condenação da lei. Se não o fez, então é justificada pelo tribunal da lei.

Consequentemente, um homem pode ter um intenso ódio contra outra pessoa e um propósito fixo de assassinar o objecto da sua animosidade, contudo ele não pode ser preso ou levado a um tribunal terrestre enquanto não cometer a acção de facto ou pelo menos tentar.

Isto não é assim na sala de julgamento divina. O Eterno tem a capacidade infinita de ler as emoções e intenções mais secretas de todo o homem. Quando qualquer pessoa tem ódio em si, Deus sabe isto e reconhece nele a presença do pecado e da morte. Ele sabe que esse homem está sob condenação, é destituído de vida e está condenado a morrer. Esta sentença não é imposta à pessoa por Deus. Ela foi colocada nesta situação pela rebelião de Adão no Jardim e o julgamento de Deus é simplesmente um reconhecimento do que ele é de facto. A obra de Deus é não condenar mas salvar e é para aqui que Ele dirige as Suas energias.

“Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele.” *João 3:17*.

É lamentável que tantos se sintam sob a condenação pessoal de Deus quando isto não é verdade. É o pecado que os condena à morte e destruição eterna, enquanto Deus, sabendo o temível perigo da alma faz a provisão mais completa para os livrar desta condenação.

O Todo-poderoso sabe que enquanto o mal estiver dentro de uma pessoa e ela tiver a intenção de destruir outra, já está sob condenação quer tenha cometido a acção ou não. Isto acontece porque ela está sob o domínio do poder do pecado e sofrerá a morte eterna que é a certa e inevitável consequência deste domínio a menos que seja liberta dele pelo poder justificador de Deus. Muitas pessoas que seriam justificadas num tribunal terrestre achar-se-iam sob terrível condenação no divino.

Estas diferenças devem ser entendidas claramente por aqueles que experimentam e mantêm as bênçãos da justificação pela fé. É perigoso pensar que os caminhos de Deus e os dos homens são os mesmos. Eles não são e nunca podem ser. Reconhecendo a tendência dos homens para pensar nas coisas divinas como se fossem terrestres, o Senhor disse-nos que os Seus caminhos e os Seus pensamentos são diferentes dos caminhos e pensamentos do homem.

Numa linguagem tão clara que ninguém tem qualquer desculpa para errar, Ele disse: “Porque, assim como os céus são mais altos do que a Terra, assim são os Meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os Meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos.” *Isaías 55:8, 9*.

Portanto, podemos saber sem qualquer evidência adicional que as nossas ideias já são erradas se pensarmos em Deus como se Ele fosse um homem. No princípio uma pessoa poderia reagir a isto afirmando que nunca reduziria Deus ao nível do homem, mas um pensamento cuidadoso mostrará que este é um dos erros mais comuns que cometemos. É a razão principal para o juízo errado acerca do carácter de Deus atribuindo-Lhe a obra de destruição executada unicamente por Satanás, pelos pecadores e pelo pecado.²

Quando Cristo esteve na Terra, confirmou a enorme capacidade de Deus para avaliar a profundidade da condenação que repousa sobre o pecador. Ele mostrou que um homem é pecador por causa do que é, até mesmo antes de levar a cabo os impulsos da sua natureza má.

“Ouvistes que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério. Eu, porém, vos digo, que, qualquer que atentar numa mulher, para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela.” *Mateus 5:27, 28*.

Nesta declaração da eterna verdade, Cristo rasgou a máscara atrás da qual tantos procuram esconder-se. Eles imaginam que em virtude da condição má dos seus corações estar escondida à vista dos homens, escapam à condenação, mas isto só demonstra a sua ignorância a respeito das escrutinadoras reivindicações

² Para um estudo mais profundo destes princípios vede *Eis Aqui o Vosso Deus*, por F.T. Wright.

da lei. Eles sabem que enquanto puderem impedir os outros homens de conhecerem os pensamentos e desejos que correm pelas suas mentes, estão protegidos da condenação humana e pensam que podem lidar da mesma maneira com Deus. O que eles estão a mostrar realmente é a sua maior preocupação quanto à aprovação dos homens em vez da aprovação de Deus.

Nada pode ser escondido de Deus e todos precisam compreender que aquela condenação já está presente quando o espírito mau está no interior, independentemente se a acção má foi cometida ou não.

“Qualquer que aborrece o seu irmão é homicida. E vós sabeis que nenhum homicida tem permanente nele a vida eterna.” *1 João* 3:15.

Assim este apóstolo mostrou a sua compreensão que a condenação de Deus vai além da acção ao ser. É claro que Paulo também entendeu isto, como mostram as citações seguintes:

“Paulo frisou especialmente os profundos reclamos da lei de Deus. Mostrou como ela alcança os íntimos segredos da natureza moral do homem, derramando um dilúvio de luz sobre aquilo que tem estado oculto à vista e ao conhecimento dos seres humanos. O que as mãos podem fazer ou a língua proferir — isso que a vida exterior revela — mostra, imperfeitamente embora, o carácter moral do homem. A lei esquadrinha seus pensamentos, motivos e propósitos. As negras paixões que permanecem ocultas à vista dos homens, a inveja, o ódio, o sensualismo, a ambição, as maquinações perversas nos profundos recessos do coração, ainda não executadas por falta de oportunidade — *tudo isso a lei de Deus condena.*” *Actos dos Apóstolos*, 424.

Nenhuma palavra mais clara é precisa para revelar até que ponto chega a condenação da lei. Ela condena o homem não só pelo que ele fez, mas pelo que ele é. A menos que esta verdade seja claramente compreendida e mantida como uma convicção pessoal, o grande assunto de justificação pela fé não pode ser compreendido ou a sua bênção experimentada.

Capítulo Três

Problema Duplo — Dupla Solução

Até aqui vimos que a justificação dá duas soluções destinadas a solucionar dois problemas diferentes. Feito isto, podemos agora determinar por que razão é insuficiente ter apenas uma solução. O pecador tem que saber exactamente como cooperar com os agentes divinos quando busca perdão e restauração. Ele não deve colocar a sua esperança numa ou noutra destas soluções porque, até mesmo se uma pudesse ser aplicada sem a outra, continuaria a deixá-lo condenado. Por outras palavras, se toda a condenação que incorre das acções pecadoras dele pudesse ser removida sem retirar a pecaminosidade inerente, estaria ainda sob julgamento por causa daquilo que ele é. Continuaria ainda a ter que morrer eternamente.

Para ilustrar este ponto, supõe-se que um homem fora preso e acusado de dois crimes, a penalidade para cada um deles é a morte. Uma é alta traição contra o governo do seu país e a outra é assassinato de um cidadão importante.

Quando é levado a tribunal, a primeira causa julgada é a de homicídio, mas os seus acusadores não são capazes de provar o seu caso contra ele. Dessa maneira é ilibado da condenação que resulta desta acusação, mas não pode recuperar a sua liberdade ainda, pois há a alegação de traição por julgar.

Desta vez ele é achado culpado e é condenado à morte pelo seu crime. A absolvição da acusação do homicídio não o ajuda, porque ele morre de qualquer maneira. A única esperança de libertação está na ilibação de ambas as acusações. Quando a condenação de uma permanece, ele morre de igual modo como se tivesse sido culpado de ambos os crimes.

Portanto, os que não esperam nada mais da justificação do que ser considerado justo e que conseqüentemente não recebem a outra obra de transformação interior, estão tão condenados como se não tivessem alimentado qualquer expectativa.

Os que confiantemente acreditam que são considerados como justos enquanto simultaneamente rejeitam a verdade que a justificação também envolve a transformação de um homem num justo, estão a viver numa falsa esperança. De facto, não receberam nada, porque é impossível receber uma solução sem a outra. Uma pessoa ou é considerada justa e transformada, ou não é considerada nem transformada e continua tão completamente debaixo de condenação como se não tivesse acreditado em nada.³

³ Para uma discussão mais completa a fim de estabelecer esta verdade, vede *Confissão Aceitável* por F.T. Wright.

Esta é a posição mais perigosa em que se possa estar, porque a pessoa está convencida que tem a salvação quando de facto não a tem. Sem um sentido de necessidade, ela não é conduzida à procura do que lhe falta e feliz avança em direcção ao terrível dia em que, demasiado tarde, descobrirá que descansou numa falsa esperança. A decepção e ira que encherão estas pobres almas naquela hora terrível estão além da imaginação humana. É fácil entender como estes frustrados se virarão então contra os pastores e professores que os instruíram erradamente e os desfarão em pedaços.

Todos têm que assegurar-se que têm a genuína verdade sobre este assunto. É necessário entender quais são as condenações a ser removidas, as duplas soluções que Deus proveu e as razões para não haver outros que não os procedimentos específicos de Deus. Lembremo-nos sempre que uma mensagem baseada em meia verdade não é verdade nenhuma mas um erro mortal. Todos os enganos fatais de Satanás têm em si verdade bastante para fazer parecer que têm sólido fundamento bíblico induzindo os homens a confiar apenas em metade das providências de Deus como se isso fosse o todo, eles os enganam omitindo aquilo que é essencial para a salvação.

Cada uma das duas soluções é designada especificamente pelo Ser Infinito para remover uma condenação em particular.

Uma solução é projectada para remover a culpa dos pecados cometidos no passado, enquanto a outra remove a condenação que é o resultado do estado de ser mau do pecador. A primeira conta um homem como justo, a segunda torna-o justo.

A respeito da primeira solução, porque é que Deus escolheu conceder ou creditar a justiça ao homem de forma a ele ficar perante Ele *como se* nunca tivesse pecado? O Senhor tem que ter uma boa razão para isto. Ele tem e é porque não há outro modo de libertar o homem da culpa do pecado cometido ao longo da sua história passada.

Nenhum ser humano excepto o próprio Cristo, jamais poderá levantar-se perante Deus como nunca tendo pecado, “porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus.” *Romanos 3:23*.

Todos têm um registo e nada jamais pode mudar isso. História é história; o que foi está feito e nem mesmo Deus fará recuar o tempo de forma que os registos do passado possam ser substituídos com registos melhores. O pecador pode ter o pesar mais profundo pelo que disse e fez; ele pode desejar reviver o passado e decidir nunca repetir essas coisas no futuro, mas nenhum destes lamentos e decisões boas alterará o facto que está perante Deus, não *como se* fosse um pecador, mas *como um pecador condenado de facto*.

Nos exactos registos do Céu, as contas apresentam o pecador como ele está — condenado à morte eterna. Se aquele homem tiver que ser salvo, então algo tem que ser feito acerca daquela conta, porque ele nunca pode passar o julgamento com tal registo contra ele.

O que pode o Senhor fazer para o justificar?

Embora Deus não possa mudar o facto que o homem pecou, pode, pela transferência da responsabilidade da culpa para o Salvador e pela imputação da justiça de Cristo na conta do pecador, colocá-lo na posição em que ele está como se nunca tivesse cometido pecado. A condenação foi removida, o homem está justificado. De nenhum outro modo pode este problema ser resolvido.

Uma alternativa inaceitável seria simplesmente esquecer ou ignorar o passado. Isto significaria que o pecado seria capaz de ameaçar a paz e a felicidade do

universo sempre. Nem Deus nem homem quereriam isso. O pecado e a culpa que o acompanha devem ser totalmente apagados através do plano da salvação.

Uma alternativa igualmente impossível seria o homem pagar a dívida por si mesmo, mas ele não tem a capacidade para fazer isto. A vida de Cristo é a única que está à altura da lei e pode satisfazer as suas santas exigências. O homem não pode salvar-se a si próprio mas tem que depender completamente dos méritos de um Salvador crucificado e ressuscitado.

“A única maneira em que pode alcançar a justiça é pela fé. Pela fé pode ele apresentar a Deus os méritos de Cristo, e o Senhor lança a obediência de Seu Filho a crédito do pecador. A justiça de Cristo é aceita em lugar do fracasso do homem, e Deus recebe, perdoa, justifica a alma arrependida e crente, trata-a como se fosse justa, e ama-a tal qual ama Seu Filho.” *Mensagens Escolhidas* 1:367.

Esta é estritamente uma obra de *crédito* ou de *acerto de contas*, mas ela dá solução a toda a condenação do passado do único modo como pode ser solucionado. O passado é inalterável. Deus sabe isto e não faz qualquer tentativa para o altera. Pelo contrário, Ele proveu um modo pelo qual o pecador pode ser justificado sem o passado ser mudado.

É uma provisão tão maravilhosa que há indivíduos que acham difícil de acreditar que a responsabilidade de todo o pecado que tenham cometido até este ponto é completamente removida deles e substituída com o registo imaculado da perfeita justiça de Cristo. O facto que estão perante Deus como se nunca tivessem pecado parece muito difícil de compreender. Mas, se estas verdades puderem ser alcançadas como Deus pretende que sejam, a alegria e satisfação que inundarão a alma estão fora de comparação. Paulo chama a esta esmagadora emoção, bem-aventurança.

Apesar de tão completa como é na solução do problema a que se destina, ela não soluciona e não pode solucionar a outra condenação que está presente por causa daquilo que o homem é em si mesmo. Para isto, é necessária outra solução.

Uma diferença essencial entre a história do passado e a condição do presente é que embora o passado não possa ser mudado, a condição presente da pessoa pode. O Senhor tem todo o poder criador necessário para erradicar a velha natureza pecadora e implantar no crente a Sua própria vida preciosa.

Não só a vida pode ser mudada; ela tem que ser mudada se a alma quiser escapar deste mundo pecador para habitar nos reinos da bem-aventurança. Nenhum homem pode entrar no Céu com uma natureza má. Ele deve ser cheio do carácter de amor Deus, não carregado com um fluxo amargo de ódio e mal.

“Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando Ele se manifestar, *seremos semelhantes a Ele*, porque, assim como é, O veremos.” *1João* 3:2.

“A condição de vida eterna é hoje justamente a mesma que sempre foi — exatamente a mesma que foi no paraíso, antes da queda de nossos primeiros pais — perfeita obediência à lei de Deus, perfeita justiça. Se a vida eterna fosse concedida sob qualquer condição inferior a essa, correria perigo a felicidade do Universo todo. Estaria aberto o caminho para que o pecado, com todo o seu cortejo de infortúnios e misérias, se imortalizasse.” *Caminho a Cristo*, 62.

Quando o trabalho de Cristo no santuário estiver por fim concluído, Ele fará uma declaração positiva a respeito do estado de todos os homens na Terra. Ele declarará alguns santos e justos, enquanto o restante Ele pronunciará imundos e injustos. Nessa altura, não estará a falar sobre o que eles fizeram, mas sobre o que eles são.

“Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda.” *Apocalipse* 22:11.

Aqueles que são declarados justos e santos serão justificados, enquanto o resto permanecerá sob condenação eterna. Um estado justo e santo tem que ser alcançado antes daquele tempo, porque quando fechar a porta da graça, será demasiado tarde para fazer a mudança.

O milagre da justificação fica completo quando Deus remove a velha natureza que foi gerada da semente de Satanás e a substitui com a nova natureza que nasce da semente de Cristo. Este é o único modo pelo qual pode ser resolvido o problema da condenação que está presente devido ao estado não santificado da pessoa.

A pessoa comum tem grande dificuldade em distinguir entre o que significam os termos da Bíblia, mente carnal, coração de pedra, homem velho, velha natureza, etc., por um lado e a carne caída, pecadora, mortal na qual mora e domina, por outro. Muitos crêem que o corpo de carne e de sangue e a natureza pecadora má são exactamente a mesma coisa. Aparte daqueles que acreditam na carne santa, todos sabem que a conversão não substitui a pecaminosa natureza carnal com corpo de carne e sangue imortal. Portanto, os que não distinguem entre a mente carnal e a natureza carnal concluem que nenhuma mudança acontece dentro da pessoa até à transformação do corpo no segundo advento de Cristo.

As Escrituras ensinam claramente as diferenças entre a mente carnal e a natureza de carne e sangue. Tal como uma doença invade, permanece no interior e domina o corpo humano, assim o poder do pecado, chamado a mente carnal, mora no mesmo corpo humano e domina sobre ele.

Romanos 8:7 confirma que esta diferença existe e prova que a mente carnal e a carne não são a mesma coisa.

“Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é d’Ele.” *Romanos 8:7*.

A inimizade que é a mente carnal é tão absoluta que nunca pode ser colocada em sujeição à santa lei de Deus.

Mas, apesar do facto da carne ser caída, mortal e pecaminosa, ela pode ser sujeita. Pode ser disciplinada e treinada para fazer um serviço completo e perfeito a Jeová. Cristo provou isto vindo e vivendo na carne igual à que todos os filhos de Adão têm e sem cometer um único pecado nessa carne. Como Cristo é o nosso exemplo, Ele mostrou o que cada um pode fazer se Lhe permitir ligar a sua humanidade com a divindade d’Ele e estar em sujeição a Deus como Ele esteve.

Paulo dirige a nossa atenção para a subjugação da carne alcançada pelos atletas do seu tempo como exemplo do modo como os cristãos devem subjugar e treinar os membros do seu corpo. Ele declarou que mantinha o seu corpo em sujeição de forma que podia ganhar não uma coisa terrestre incerta, mas a coroa da imortalidade.

“Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prémio? Correi, de tal maneira que o alcanceis.

“E, todo aquele que luta, de tudo se abstém; eles o fazem para alcançar uma coroa corruptível, nós, porém, uma incorruptível.

“Pois eu assim corro, não como a coisa incerta; assim combato, não como batendo no ar.

“Antes, subjugo o meu corpo e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha, de alguma maneira, a ficar reprovado.” *1Coríntios* 9:24-27.

Assim num lugar Paulo declara que a mente carnal não pode ser colocada em sujeição à lei de Deus, enquanto por outro dá testemunho que colocou o corpo dele debaixo de controlo, sujeitando-o às exigências da lei. Isto prova que os dois não são o mesmo, porque não podeis ter uma mente carnal que não pode ser sujeita à lei e ao mesmo tempo colocá-la em sujeição.



O atleta é o senhor do seu corpo sem necessariamente ser o governante da sua mente carnal. Para ganhar o cobiçado troféu, ele disciplina o seu corpo até que ele produza a máxima eficiência. Provando assim que a natureza humana pecadora e mortal poder ser sujeita à lei. O facto que esta natureza pode se colocada sob o controlo da mente e forçada a servir a vontade do homem, prova que não é a mesma natureza que é a mente carnal que não pode ser sujeita à lei, nem obedecer à vontade.

A referência anterior a *Romanos* 7 servirá para tornar claro este ponto. Ali Paulo diz: “segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus.” *Romanos* 7:22.

O homem interior referido aqui não é a natureza de carne, nem a mente carnal; é a natureza intelectual. Nesta fase, embora ainda esteja presa em escravidão à mente carnal, as faculdades intelectuais de Paulo tinham compreendido alguma coisa da beleza e poder da verdade e tinham sido convertidas a ela. A sua vontade, embora ainda impotente para obedecer por causa do domínio da natureza pecaminosa, estava completamente dedicada ao serviço de Deus. Se, nesta fase, a vida dele estivesse em harmonia com os desejos desta mente, teria sido um homem muito feliz, mas não estava em harmonia, porque dentro dele estava um poder que o controlava contra a vontade dele.

Paulo identificou este poder como algo que lutava contra os desejos da sua mente e escravizava os seus membros de carne. “Mas eu vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado, que está nos meus membros.” *Romanos* 7:23.

A lei ou poder do pecado não eram os seus membros; ela residia *neles*. Ao fazer estas distinções, ele está apenas a repetir a verdade expressa em *Ezequiel* 36:26.

“E vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo, e *tirarei* o coração de pedra da vossa carne, e vos darei um coração de carne.”

O coração de pedra não é a carne mas algo que é tirado dela. Em troca, é substituído pelo novo coração que habita na mesma carne. Portanto, nem o coração de pedra, nem o novo coração são a carne, nem eles estão na carne ao mesmo tempo. Um tem que ser removido para dar lugar ao outro.

Qualquer dúvida quanto à existência de uma distinção entre a velha natureza e a carne deveria ser por fim removida pelo estudo de *2Coríntios* 5:17. “Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram: eis que tudo se fez novo.”

Este versículo contém três declarações positivas que confirmam completamente que a natureza de carne e o poder do pecado que lá habita são duas coisas diferentes. Essas três declarações são:

1. Ele é uma nova criatura;
2. As coisas velhas já passaram;
3. Tudo se fez novo.

A primeira frase é melhor traduzida como, “Ele é uma nova *criação*.” Há só um Criador. Quando Ele cria, o resultado é sempre completo e perfeito, porque é impossível Ele fazer outra coisa. Portanto, “as coisas velhas já passaram” e “tudo se fez novo”. Esta obra *não* é a *modificação* ou *remodelação* do que havia antes porque criação é sempre o acto de chamar as coisas não existentes à existência. Assim o mundo e tudo o que nele existe foi chamado à existência e pelos mesmos procedimentos os céus e a Terra serão completamente restaurados no final do milénio. Os mesmos princípios se aplicam à restauração da imagem de Deus no homem quando ele é verdadeiramente renascido.

Mas, quando a pessoa olha o homem que acabou de receber este dom, nenhuma evidência visível pode ser vista de que as coisas velhas passaram e que tudo se fez novo. O seu corpo está inalterado; o seu aspecto — aparte da aparência de paz e alegria do seu semblante — está inalterado. Este facto leva muitos a concluir que o versículo não tem o significado do que diz literalmente mas está descrevendo algo meramente creditado ao homem.

É verdade que não houve verdadeiramente uma recriação do corpo físico nesta altura, porque isto não tem lugar senão no segundo advento. A obra criadora limitou-se à natureza espiritual. Ali está que as coisas velhas, isto é a mente carnal, passaram e lá está que todas as coisas se tornaram novas. Nada foi feito à carne porque ela ainda continua a mesma como antes.

Neste ponto a vida espiritual foi tão completamente restaurada por este acto criador que é como se o crente nunca tivesse pecado. De algum modo é lamentável que esta nova vida tenha que habitar em carne fraca, caída, pecadora que fornece um instrumento muito pobre para a sua expressão, mas do mesmo modo é a vida perfeita, santa e eterna de Deus na alma. Ela torna o homem justo e a sua presença é paz e justificação.

Assim É Então a Obra da Justificação

“O perdão, porém, tem sentido mais amplo do que muitos supõem. Dando a promessa de que perdoará ‘abundantemente’, Deus acrescenta, como se o

significado dessa promessa excedesse a tudo que pudéssemos compreender: ‘Os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os Meus caminhos, diz o Senhor. Porque, assim como os céus são mais altos do que a Terra, assim são os Meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os Meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos.’ Isa. 55:8 e 9. O perdão de Deus não é meramente um ato judicial pelo qual Ele nos livra da condenação. É não somente perdão *pelo* pecado, mas livramento *do* pecado. É o transbordamento de amor redentor que transforma o coração. Davi tinha a verdadeira concepção do perdão ao orar: ‘Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova em mim um espírito reto.’ Sal. 51:10. E noutro lugar ele diz: ‘Quanto está longe o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões.’ Sal. 103:12.” *O Maior Discurso de Cristo*, 114.

Assim a justificação é a obra divinamente destinada a remover toda fonte de condenação — aquilo que é o resultado dos pecados cometidos e aquilo que é gerado pela presença de uma natureza má interior. Deus remove o primeiro creditando a justiça de Cristo na conta do pecador e a segunda pela erradicação da mente carnal e substituindo-a com a nova natureza.

Justificação é nada menos do que isto. Ficar aquém disto sob qualquer aspecto é continuar sob condenação. Contudo, apesar da clareza da mensagem e do perigo envolvido no ensinamento de um só lado dela como se isso fosse tudo, muitas pessoas hoje têm visões perigosamente limitadas do que é esta grande obra.

As lições da história provam quão trágico e desastroso este engano é. Muitos confortam-se a si próprios com o pensamento de que estão ensinando a verdade até onde podem chegar e que Deus lhes dará crédito por isto. Mas considerai o caso dos judeus nos dias de Cristo. Estas pessoas eram estudantes da Bíblia muito diligentes, mas escolheram ignorar os testemunhos do Antigo Testamento que falavam de um Messias que viria em humildade e obscuridade para morrer pela perdida raça humana. Porém, eles estavam completamente familiarizados com todos os textos que falavam da vinda de um conquistador poderoso que varreria o inimigo do campo de batalha e uma vez mais os estabeleceria como a nação principal no mundo.

Sem ver que havia duas vindas e conseqüentemente sem fazer qualquer distinção entre elas, esperaram que as especificações do segundo advento fossem cumpridas na primeira vinda. Como Cristo não apareceu como eles tinham sido levados a esperá-lo pelo estudo impróprio da Bíblia rejeitaram e crucificaram-n’O. Assim fazendo, frustraram toda a esperança de vida eterna. O seu procedimento e o trágico resultado é uma advertência eterna do perigo envolvido em ver apenas metade de uma verdade sagrada.

É fácil olhar para trás e correctamente avaliar os erros cometidos por gerações anteriores, mas outra coisa é reconhecer que as mesmas coisas estão a acontecer ao redor de nós hoje. Olhamos para nós mesmos como religiosos, iluminados e dedicados, mas também os judeus eram. Eles tinham a lei e os profetas, eram o povo escolhido de Deus e tinham sido apontados para ser os líderes espirituais e mestres do mundo. Naquela altura, não havia ninguém na Terra que fosse mais favorecido do que eles, ou que tivesse menos desculpa para fracasso. Por isso, o que aconteceu com eles pode certamente suceder até mesmo ao melhor de nós hoje.

Considerai as implicações de acreditar que só parte da justificação é toda a obra, como em geral é feito. A maioria dos teólogos modernos ensinam que não é nada mais do que um crédito ou considerar o pecador como justo. Como isto é uma parte real e vital da justificação, eles são capazes de citar muitas Escrituras

para apoiar a sua posição. Eles fazem isto com tal confiança e autoridade que os ouvintes ficam cheios com a certeza que lhes estão a servir sólida doutrina da Bíblia, o próprio caminho da salvação.

Eles são assim levados a acreditar que todos os pecados do passado foram completamente perdoados e nenhum pensamento é dado à remoção simultânea da natureza má interior. Tendo sido ensinados a ver a obra de imputação como sendo a única obra de justificação e nunca tendo alcançado um vislumbre do poder pelo qual Deus cria a alma de novo, acreditarão que essa justiça creditada cobre também a sua condição pecadora. Assim pensam que podem chegar ao julgamento apenas com a pretensa perfeição, coberta com a justiça de Cristo e sem necessidade da justiça em si mesma no interior. Não esperam ter carácter santo até ao segundo advento do Salvador.

Esta é uma ilusão fatal.

“Quando o Senhor vier, os que são santos serão santos ainda. Os que houverem conservado o corpo e o espírito em santidade, em santificação e honra, receberão então o toque final da imortalidade. Mas os que são injustos, não santificados e sujos, assim permanecerão para sempre. Nenhuma obra se fará então por eles para lhes tirar os defeitos, e dar-lhes um carácter santo. Então o Refinador não se assentará para prosseguir em Seu processo de purificação, e para remover-lhes os pecados e a corrupção. Tudo isto deve ser feito nestas horas da graça. É *agora* que esta obra deve ser feita por nós.” *Testemunhos para a Igreja* 2:354, (*Conselhos sobre Saúde*, 44.)

Os que chegam ao julgamento esperando ser libertos da sua pecaminosidade quando Cristo voltar, achar-se-ão para sempre perdidos quando Jesus se levantar e disser: “Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem *está* sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda. E eis que cedo venho, e o Meu galardão está Comigo, para dar a cada um segundo a sua obra.” *Apocalipse* 22:11, 22.

Hoje é o dia da salvação em que devem ser aplicadas as duas soluções da justificação enquanto ainda há tempo e oportunidade. Os que dependem de uma falsa esperança sofrerão indizível decepção quando o dia de ajuste de contas chegar.

Condenação é um problema duplo.

Então, justificação é uma solução dupla.

Os filhos de Deus são aqueles que, tendo chegado a este entendimento, se colocam onde Deus pode eficazmente aplicar os remédios. Então, com Davi e com Paulo, podem testemunhar da bem-aventurança do homem a quem o Senhor não imputa iniquidade. Eles tornam-se os eleitos, os preciosos membros da família de Deus que um dia O verão face a face.⁴

⁴ Consultai *Confissão Aceitável* por F. T. Wright para uma explicação mais detalhada desta verdade.

Capítulo Quatro

As Duas Justificações

O apóstolo Paulo tinha tanto a dizer sobre justificação pela fé que se concluiria correctamente que este era um dos assuntos favoritos dele. Mas muitas pessoas, como as do seu tempo, acham as suas declarações difíceis de entender. Ouvi alguns dizerem que não podem compreender *Romanos* e *Gálatas*.

Estes queixam-se que o inspirado escritor se contradiz. Até a mensagem da justificação ser verdadeiramente compreendida, a pessoa tem que admitir que este parece ser o caso. Por exemplo, dois versículos em *Romanos* entram nesta categoria aparentemente contraditória. Eles são *Romanos* 2:13 e *Romanos* 3:28.

Lemos no primeiro: “Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei.”

Não há erro quanto à posição tomada por Paulo aqui. Ao dizer que apenas os que praticam a lei serão justificados, está a ensinar *neste versículo* que a obediência à lei tem que ser estabelecida antes da justificação poder acontecer.

No segundo lemos: “Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei.”

Esta Escritura ensina o oposto da primeira. De acordo com ela, a obediência não é necessária para ser justificado. Pelo contrário, é dado ao crente este dom maravilhoso sem a presença das obras da lei.

É impossível ter ambos na mesma justificação. A obediência ou precede a experiência, ou não. Portanto, se Paulo está a falar da *mesma* justificação em ambos os versículos, foi estabelecida uma contradição irreconciliável.

Mas não há qualquer contradição nas Escrituras. Elas são inspiradas por um Autor divino, o Espírito Santo, de quem flui apenas uma gloriosa harmonia da verdade.

A aproximação habitual ao problema é ignorar qualquer dos dois versículos que não defendam a posição teológica da pessoa. Assim, os que acreditam que a lei será guardada pelos cristãos são rápidos a citar *Romanos* 2:13, enquanto *Romanos* 3:28 é o texto forte para os que acreditam que Cristo nos libertou da obediência à lei guardando-a em nosso favor e em vez de nós.

Não tem sido raro estas facções adversárias se defrontarem em conflito e vigorosamente lutarem umas com as outras com as Escrituras. Um lado cita os textos que afirmam que o pecador é justificado sem as obras da lei, enquanto o outro aponta para as Escrituras que dizem que serão justificados apenas os que praticarem a lei. Isto é lamentável e triste, porque Deus nunca pretendeu que a Bíblia fosse usada deste modo.

Os verdadeiros cristãos não estão envolvidos em tais métodos de debate. Eles sabem que ambas as Escrituras têm exactamente o significado que transmitem,

que não há nenhuma contradição na Bíblia e que o Espírito Santo lhes ensinará qual o verdadeiro significado destes testemunhos. Quando a resposta vem, é tão simples e óbvia que a pessoa se admira por não a ter visto antes.

Estes versículos não são contraditórios, porque eles referem-se a duas justificações diferentes que Deus aplica em dois pontos de tempo bastante distantes aos que cumprem as condições requeridas. O primeiro em termos de tempo é o que declara que um homem está justificado sem as obras da lei. Isto acontece no começo da experiência do cristão. É a justificação que consiste em dois elementos — perdão e remissão do pecado — que estivemos a discutir nos capítulos anteriores.

A outra tem lugar no julgamento quando uma pessoa ou é condenada eternamente, ou a sua reivindicação de vida eterna pelos méritos de um Salvador crucificado e ressurrecto, é justificada. Naquele momento, só o que cumprir a lei como resultado da justificação anterior, será julgado merecedor de um lugar no Céu.

Agora podemos examinar cada uma destas duas justificações. Olhando para a justificação recebida na conversão, pode ser visto que a menos que esta bênção esteja disponível sem o crente ter que guardar a lei primeiro, não haveria esperança alguma para qualquer pecador.

A razão para isto está no facto que por causa da condição em que o crente está colocado antes da justificação, não pode de modo algum produzir boas obras. Ele é uma árvore má sem a capacidade de produzir bom fruto e sobre si repousa a culpa dos pecados cometidos durante a sua vida. Qualquer pessoa nesta condição é incapaz de produzir os aceitáveis frutos da justiça.

“Porque, não há boa árvore que dê mau fruto, nem má árvore que dê bom fruto. Porque cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto; pois não se colhem figos dos espinheiros, nem se vindimam uvas dos abrolhos. O homem bom, do bom tesouro do seu coração, tira o bem, e o homem mau, do mau tesouro do seu coração, tira o mal, porque da abundância do seu coração fala a boca.” *Lucas 6:43-45.*

Jesus explicou uma lei que em sua aplicação ao mundo da natureza é bem compreendida. Ninguém procura fruta boa num espinheiro, porque sabe que tais árvores só produzem segundo a sua própria espécie. O que é verdade no mundo natural é igualmente verdade no espiritual. Um homem mau — e todos os homens injustificados são maus em termos espirituais, não importa quão bom pareça o seu aspecto exterior — é incapaz de produzir os frutos da justiça.

Assim, se lhe exigissem que fizesse obras boas para ser justificado, não teria qualquer esperança de salvação. A situação dele é idêntica à de um espinheiro a respeito de ser arrancado porque ocupa espaço necessário para plantas produtivas. Se tivesse o poder de falar, pleitearia pela sua vida prometendo que, se ao menos o hortelão o poupasse mais uma estação, produziria algum bom fruto bom para justificar sua existência.

O hortelão nem sequer consideraria tal pedido, porque sabe que a árvore condenada não tem qualquer esperança de justificar a sua existência deste modo. Se ela vivesse durante mais um milhão de anos, não poderia fazer mais do que produzir mau fruto, assim ele não hesita em destruí-la.

De igual modo, porque o injustificado nunca pode obedecer à lei para ao nível de satisfazer Deus, o Senhor tem que prover nalguma outra base para a justificação do que a obediência à lei. Ele tem que dar um modo pelo qual o pecador possa ser justificado sem as obras da lei.

Felizmente, o Altíssimo tem poder para fazer isto. Como um dom gratuito, Ele transfere o registo dos pecados passados para Cristo e, depois de erradicar a velha

natureza, implanta no pecador a semente da Sua própria justiça. Sendo perdoado e feito semelhante a Deus, o transgressor é justificado.

Em termos práticos isto é como segue. O convincente ministério do Espírito Santo traz uma pessoa ao lugar onde está consciente da sua desesperada pecaminosidade e sinceramente deseja libertação. Em humildade e contrição curva-se perante o Senhor e confessa a sua culpa e a presença da natureza má que a domina contra a sua vontade. Para o primeiro, pleiteia o perdão. O outro é dado a Deus e ela recebe a nova vida em seu lugar.

Contanto que isto seja feito em verdadeira fé, o Senhor efectua a obra nela. A culpa do pecado é lavada e ela é uma nova criação. Naquele ponto de tempo está justificada. Contudo, ainda não se levantou dos seus joelhos nem praticou qualquer acção justa, mas se morresse naquele momento, certamente entraria na ressurreição dos justos. Foi verdadeiramente justificada *sem as obras da lei*. Este é o único modo como isto pode ser feito.

Portanto, *Romanos 3:28*, “Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei,” pode ser crido exactamente como se lê.

Mas embora as boas acções nunca precedam a justificação, elas virão sempre a seguir. Os justificados são “feitura Sua, criados em Cristo Jesus, para as boas obras, as quais Deus preparou para que andassem nelas”. *Efésios 2:10*.

Justificação é literalmente salvação do pecado. Qualquer coisa inferior a isto não é justificação.

Apesar disto, há os que afirmam ensinar a justificação pela fé que diz que a lei foi abolida e que por conseguinte os cristãos não precisam guardá-la. Ainda assim concordam que o cristão é salvo do pecado. Esta posição contradiz-se a si própria e é insustentável.

O pecado não existe onde não há lei, porque pecado é a transgressão da lei como está escrito: “... o pecado é a transgressão da lei.” *1João 3:4*. Portanto, não se pode ensinar que uma pessoa é salva do pecado e ao mesmo tempo afirmar que a lei foi pregada na cruz.

Os factos são que se uma pessoa é salva *do* pecado, então deve ser salva *para* a justiça.

Pecado é a transgressão da lei.

Por conseguinte, o homem tem que ser salvo da transgressão da lei para a observância da lei.

Transgressão da lei é desobediência.

Portanto, o homem tem que ser salvo da desobediência para a obediência.

Isto significa que nenhum homem pode legitimamente afirmar que foi salvo do pecado e continuar a cometer pecados conhecidos pela transgressão da lei e a desobedecer aos mandamentos de Deus. A evidência que uma pessoa foi justificada é que ela abandonou os seus velhos caminhos e caminha agora nos conselhos do Altíssimo.

Não devia haver qualquer dificuldade em entender a relação entre justificação e observância da lei. Antes da justificação, não pode haver observância da lei, mas viver em justiça acompanhará sempre o homem que foi perdoado e limpo.

Como Deve Então Ser Compreendido *Romanos 2:13*?

A justificação referida em *Romanos 3:28* trata com a justificação inicial que marca a transição do reino de Satanás para o reino de Deus. A tratada em *Romanos 2:13* é a justificação que só pode ser dada no julgamento. Quando isto é compreendido, toda a contradição desaparece e é possível ler e acreditar ambos os versículos exactamente como estão escritos.

Romanos 2:13 está no contexto de uma discussão no julgamento e acentua que só aqueles que vêm a este tribunal com vidas de obediência justa, serão justificados. Esta obra é introduzida no versículo 5. “Mas, segundo a tua dureza e teu coração impenitente, entesouras ira para ti, no dia da ira e da manifestação do juízo de Deus.” *Romanos 2:5*.

Os versículos que se seguem contrastam o destino do desobediente com o do justo. O primeiro sofre indignação e ira, enquanto o último é abençoado com a imortalidade.

No julgamento, Deus “O qual recompensará cada um segundo as suas obras; a saber: a vida eterna aos que, com perseverança em fazer bem, procuram glória, e honra e incorrupção; mas a indignação e a ira aos que são contenciosos, e desobedientes à verdade e obedientes à iniquidade; tribulação e angústia sobre toda a alma do homem que obra o mal; primeiramente do judeu e também do grego; glória, porém, e honra e paz a qualquer que obra o bem. Primeiramente ao judeu e também ao grego; porque, para com Deus, não há distinção de pessoas. Porque, todos os que sem lei pecaram, sem lei, também, perecerão; e todos os que sob a lei pecaram, pela lei serão julgados. Porque, os que ouvem a lei não são justos diante de Deus mas os que praticam a lei hão-de ser justificados.” *Romanos 2:6-13*.

Quando é que serão tomadas estas decisões vitais? No julgamento!

Estes versículos tornam muito claro que o julgamento separará as duas classes uma da outra. Num lado estarão os obedientes; no outro, os desobedientes. Cada classe entrará no dia do julgamento com a perspectiva de sair com a eterna condenação ou com a eterna justificação. Serão os que praticam a lei que serão justificados.

Depois da justificação inicial que acontece no começo da experiência cristã, o crente não é levado imediatamente para o Céu por duas razões — há um trabalho que Deus deseja fazer por ele e também é necessário que ele confirme isso, não importa quão atractivo o pecado possa ser, ele cortou toda a ligação com o reino das trevas e nunca mais escolherá esse caminho outra vez. Ele tem que demonstrar que está pronto para ser levado para o Céu.

Aqueles renascidos ou justificados que mais uma vez escolhem uma vida de pecado ou acariciam algum hábito mau, estão declarando assim que amam aquela indulgência mais do que Deus e o Céu e preferem o serviço de Satanás em lugar do serviço de Deus. Quando essa pessoa chega ao julgamento, a escolha que fez e confirmou pela vida que decidiu viver, é honrada por Deus. Quando ainda está agarrada ao pecado, Deus concede os seus desejo deixando-a entregue à condenação que escolheu.

As Duas Justificações

A Primeira Justificação

No Novo Nascimento

ANTES DA JUSTIFICAÇÃO

- 1 Tem Registo de Obras Más
- 2 Tem Uma Árvore Má

Salvação do Pecado para a Justiça

AO SER JUSTIFICADO

Foi Perdoado pelo passado

E

Foi Transformado numa Árvore Boa

A Segunda Justificação

No Julgamento

Salvação Da Terra para o Céu

PORTANTO:

Não pode fazer As obras da lei

Portanto, pode produzir as Obras da Lei.

Foi salvo de:

Aqui Justificado Sem as obras Da Lei.
Rom. 3:27

Do Pecado para a Justiça Da Desobediência para a Obediência De Transgressor para Observador da Lei.

Aqui

Só os que cumprem A Lei Serão Justificados.
Rom. 2:13

PELA JUSTIFICAÇÃO

JUSTIFICA O ÍMPIO

JUSTIFICA O CRENTE

Porém, se uma pessoa diligentemente afastou o mal da sua vida e entrou nos caminhos de Deus, então o Senhor sabe que ela O ama e ao Céu supremamente e Ele com prazer justifica a inclusão dessa pessoa no Paraíso. A escolha é da pessoa. Nós não podemos chegar ao grande dia do julgamento praticando pecados conhecidos e podemos esperar ser justificados, porque naquele dia de decisões finais, não são os que ouvem mas os que praticam que serão justificados.

Há distinções claras entre as duas justificações. Aqui é uma lista de distinções que removerão dúvidas e harmonizarão as duas.

- A primeira justifica *o ímpio*.
- A segunda justifica *o crente*.
- A primeira é *sem as obras da lei*.
- A segunda é para *os que guardam a lei*.
- A primeira vem no *começo* da nossa experiência cristã.
- A segunda vem no *fim* do tempo de provação.
- A primeira salva-nos do pecado *deste* mundo.
- A segunda salva-nos *deste* mundo.
- A primeira admite-nos na família de Deus *na igreja*.
- A segunda admite-nos na família do Deus *do Céu*.

É possível ter a primeira justificação e nunca ganhar a segunda, mas só os que têm a *primeira e a segunda* entrarão no reino de Deus.

Para esta geração, a viver como está na própria hora do julgamento de Deus, é vital que este grande assunto seja completamente entendido e efectivamente aplicado. Nós não esgotámos de modo algum este tópico, mas foi dito o suficiente para demonstrar que a primeira justificação é uma solução dupla destinada a resolver um problema duplo. Espera-se que todos entendam agora o perigo de aceitar uma doutrina de justificação que ofereça só uma solução quando são necessárias duas que deixa a pessoa com nada mais do que a ilusão fatal que está salva. Uma tal sensação de falsa segurança não será quebrada senão quando for demasiado tarde para descobrir e aplicar a verdade.

Para aqueles que de facto acham e aplicam a verdade, a justificação pela fé e a justiça de Cristo é uma experiência maravilhosa de bem-aventurança e paz. Possa ela vir a ser a alegria viva de todo o que estuda os princípios estabelecidos e relatados nestas publicações.